

COLONAS

Proposições de economia verde para sair da crise

Atividades intensivas em conhecimento e baixo impacto ambiental devem ganhar espaço em detrimento dos setores intensivos em recursos naturais, energia e emissão de poluentes

10 de junho de 2020 · 5 anos atrás



A iniciativa privada, motor da atividade produtiva, deve receber estímulos diretos para as áreas prioritárias. Mas incentivos devem ser cortados para o que é contraditório à sustentabilidade. Imagem: Pixabay.

GEMA
Grupo de Economia do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. ➡



Carlos Eduardo Young
Economista, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ➡

ENTRAR



Marcio Alvarenga Junior

Marcio Alvarenga Junior é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pes... ➡

💚 economia do meio ambiente 💚 sustentabilidade

O momento crítico causado pela pandemia de COVID-19 reafirma o antigo ditado de que grandes crises também geram novas oportunidades. A necessidade de fomentar ações para ativar o emprego e a geração de renda cria uma oportunidade única para a adoção de soluções sustentáveis como elemento dinamizador da economia.

As sucessivas crises econômicas demonstraram a incapacidade do modelo liberal em resolver a instabilidade do capitalismo globalizado inerente ao atual século. Por isso, ganha corpo a ideia de uma nova agenda para a economia, acoplando a superação da recessão com a transição para o desenvolvimento sustentável. Propostas como *Green New Deal*, *Economia Verde* e *Big Push Ambiental* ganharam terreno e centralidade no debate político. Não são programas ou planos de ação detalhados mas diretrizes para viabilizar a recuperação pela transformação da economia com incorporação dos princípios de sustentabilidade.



Essas propostas têm uma raiz fortemente keynesiana, na medida em que propõem incentivos a gastos sociais e ambientais, sobretudo voltados à crise climática, como forma de reativar a economia. Contudo, inovam ao impor a seletividade na escolha dos setores e agentes a serem beneficiados: não se pode apoiar qualquer tipo de gasto ou ação que aumente o emprego, mas apenas aqueles que também contribuam para conservação ambiental e inclusão social.

ENTRAR

A proposição é de mudança estrutural da economia, e não simplesmente reativar níveis anteriores de crescimento econômico. Atividades intensivas em conhecimento e baixo impacto ambiental devem ganhar espaço em detrimento dos setores intensivos em recursos naturais, energia e emissão de poluentes.

A transição para uma economia sustentável não ocorre espontaneamente, mas precisa ser induzida por políticas públicas ativas e coordenadas com o setor empresarial e a sociedade civil. Logo, é necessária a participação ativa do Estado como coordenador, seja promovendo diretamente os investimentos necessários à essa transição, seja implementando políticas para incentivar o investimento privado em setores com baixa pegada ambiental. Isso requer a definição de critérios objetivos de sustentabilidade e métricas de seu desempenho, bem como capacitação técnica dos gestores envolvidos na tomada de decisões, com treinamento, disponibilidade de recursos e, sobretudo, motivação.

“A transição para uma economia sustentável não ocorre espontaneamente, mas precisa ser induzida por políticas públicas ativas e coordenadas com o setor empresarial e a sociedade civil.”

A iniciativa privada, motor da atividade produtiva, deve receber estímulos diretos para as áreas prioritárias. Mas incentivos devem ser cortados para o que é contraditório à sustentabilidade. Portanto, além de programas de geração de emprego, deve-se investir no treinamento e qualificação da mão de obra para uma economia verde.

A tributação deve ter como pilar central a internalização dos custos sociais das ações privadas (princípio do poluidor pagador), através da taxação de poluentes e atividades predatórias, como a produção agropecuária em áreas recém desmatadas. O caráter progressivo da tributação também deve ser ressaltado, de modo a enfatizar seu caráter redistributivo em favor da inclusão social.

Um exemplo dessa mudança de prioridade refere-se à política fiscal para a agricultura. Incentivos e subsídios devem ser concentrados nas práticas sustentáveis, como agricultura de baixo carbono, produção orgânica e pecuária de baixo impacto ambiental. Também deve-se privilegiar a agricultura familiar, que é quem mais emprega e alimenta os brasileiros. Por outro lado, deve-se interromper imediatamente os diversos subsídios destinados à produção que desemprega, desmata ou intensifica o uso de agrotóxicos.

Essa engrenagem requer uma maior participação do Estado, em função da prerrogativa de planejar e regular a economia. É fundamental abandonar as restrições absolutas ao gasto público, como estabelecidas pela Emenda Constitucional n.º 95, e estabelecer formas mais inteligentes de controle, cortando o que deve ser evitado mas aumentando o que precisa ser estimulado.

É evidente que o Governo Federal não irá se envolver nesse projeto de modernização enquanto durar o atual mandato presidencial. Mas há bastante espaço nos Governos Estaduais e Municipais para ações de esverdeamento da economia. Também há crescente envolvimento dos

Poderes Legislativo e Judiciário nessas questões. Isso é reflexo de transformações da sociedade, e parte do empresariado nacional já percebeu que, para manter-se competitivo, é preciso um forte comprometimento socioambiental das empresas.

Enfim, apesar das evidentes dificuldades, há também oportunidades para a saída da crise pela transição rumo à uma economia mais eficiente no uso dos recursos, mais inclusiva socialmente e com maior atenção à proteção do meio ambiente. A eclosão da crise econômica provocada pela COVID 19 abre uma janela de oportunidades para repactuarmos a nossa sociedade na direção de um modelo de desenvolvimento econômico sustentável, mais inclusivo e socialmente justo. Os desafios são enormes, especialmente por causa dos passivos históricos, como a exclusão social, a desigualdade, e insuficiência dos serviços públicos. As soluções para essas questões devem explorar ao máximo as sinergias entre a conservação e recuperação ambientais, a retomada da atividade econômica e a redução das disparidades sociais. Como disse Keynes, a verdadeira dificuldade não está em aceitar novas ideias mas em escapar das velhas.

****Carlos Eduardo Frickmann Young** é economista, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

*****Marcio Alvarenga Junior** é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador do Grupo de Economia do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (GEMA-UFRJ)*

As opiniões e informações publicadas na área de colunas de ((o))eco são de responsabilidade de seus autores, e não do site. O espaço dos colunistas de ((o))eco busca garantir um debate diverso sobre conservação ambiental.

Comentários

Apoie o jornalismo ambiental
Campanha de financiamento coletivo

((o))eco

Colabore

Leia também



REPORTAGENS

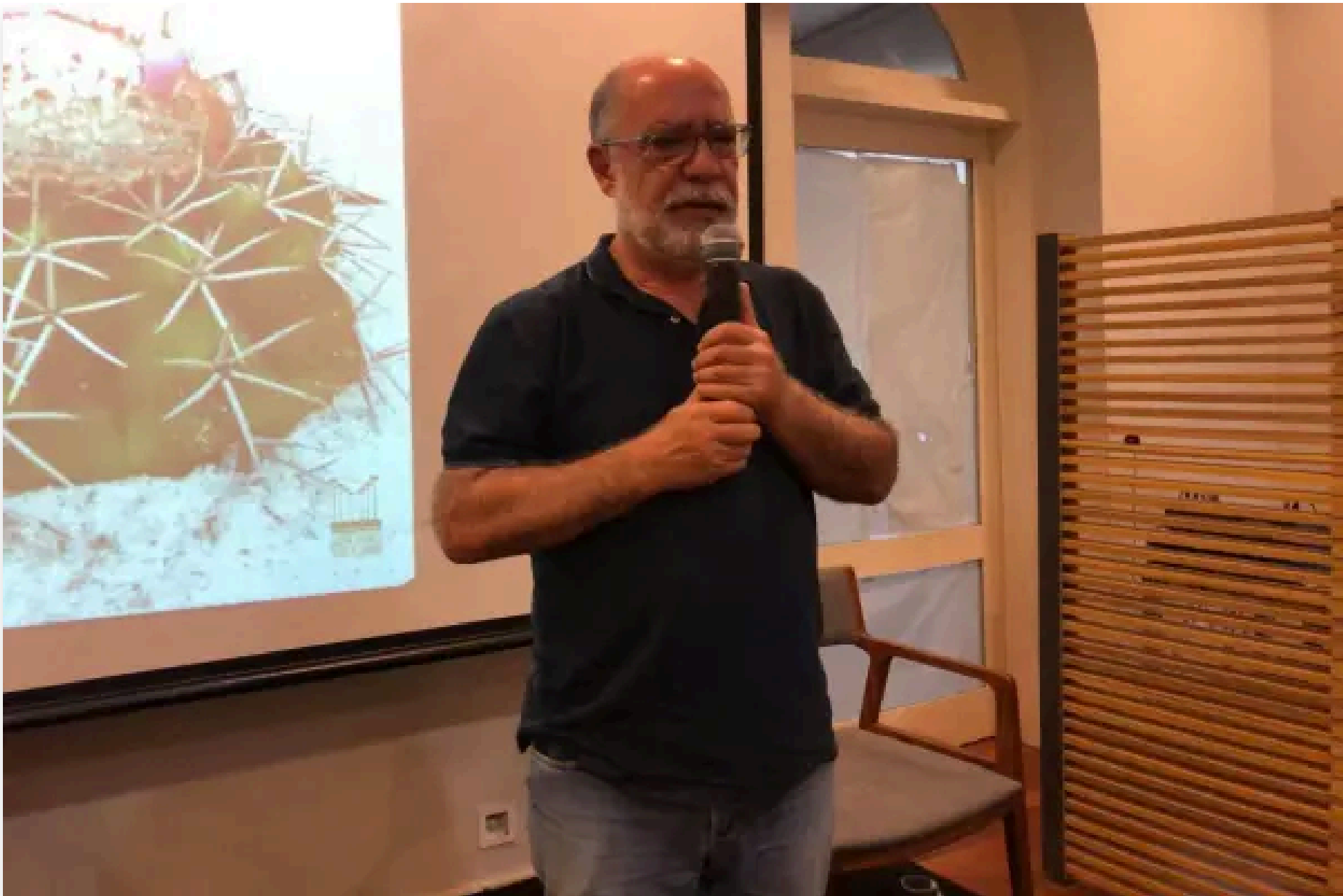
26 de abril de 2020

Labirinto de papéis e falta de transparência ocultam investimento em desmatadores

Enquanto poupadores individuais não têm ideia de onde seu dinheiro é aplicado, grandes financiadores camuflam participação em empresas que estimulam derrubadas na Amazônia ➡

FERNANDA WENZEL · NAIRA HOFMEISTER +2

ENTRAR



REPORTAGENS

29 de abril de 2020

“Tem que achatar a curva da crise climática e é um Everest”, alerta Sérgio Besserman

Em entrevista a ((o))eco, o economista diz que uma economia de baixo carbono não se tornará realidade se não for feita de forma global ➔

GIANE GATTI



ENTRAR REPORTAGENS

17 de maio de 2020

Muito discurso, pouca prática: empresas “verdes” financiam indústria da carne na Amazônia

Adesão a princípios de investimento responsável cresce no Brasil e no mundo, mas signatários de acordos internacionais seguem apoiando setor mais vinculado ao desmatamento da floresta ➡

FERNANDA WENZEL · NAIRA HOFMEISTER +2

Mais de ((o))eco

Sustentabilidade

[COLUNAS](#)
[O trabalho infantil e a responsabilização do futuro do planeta às crianças](#)

[ANÁLISES](#)
[Quanto de sapiens e quanto de grilo?](#)

[SALADA VERDE](#)
[Os caminhos para integrar a natureza brasileira aos espaços urbanos](#)

[REPORTAGENS](#)
[Pecuária sustentável traz esperança para a conservação do Pantanal](#)

Desmatamento

[REPORTAGENS](#)
[Como comunidades de fecho de pasto conservam o Cerrado no oeste baiano](#)

[NOTÍCIAS](#)
[Perda global de florestas atinge recorde em 2024, mostra estudo da WRI](#)

[ANÁLISES](#)
[O PL da Devastação e a falsa promessa do progresso](#)

[NOTÍCIAS](#)
[Em audiência tensa no Senado, PL-bomba e Foz do Amazonas dominam a pauta](#)

Economia Do Meio Ambiente

[REPORTAGENS](#)
[A bioeconomia é POP: documentário apresenta a nova economia da floresta no Brasil e no mundo](#)

[ANÁLISES](#)
[Quanto vale uma árvore?](#)

[NOTÍCIAS](#)
[Brasil gasta pouco com prevenção de invasões biológicas e muito com as consequências](#)

[REPORTAGENS](#)
[Isso é só o começo](#)

Conservação

[NOTÍCIAS](#)
[Tribunal de Justiça do RS desobriga companhia de isolar fios para evitar choques em bugios](#)

[NOTÍCIAS](#)
[Perda global de florestas atinge recorde em 2024, mostra estudo da WRI](#)

[ANÁLISES](#)
[O PL da Devastação e a falsa promessa do progresso](#)

[REPORTAGENS](#)
[Ajustes em trilha podem melhorar sua função de corredor ecológico no Cerrado](#)

Deixe uma resposta

Este site utiliza o Akismet para reduzir spam. [Saiba como seus dados em comentários são processados.](#)

Comentários

2



José diz:

10 de junho de 2020 em 20:16

Concordo plenamente com a visão exposta pelos colunistas. Mas qdo confrontamos essas ideias com nossa realidade dá um desânimo danado. Vivemos desde sempre um tipo de capitalismo de compadrio, onde as direções da economia não se dão por qualquer tipo de racionalidade, mas por conchavos, negociatas e arranjos espúrios de todo tipo. Junte-se a isso o fato de quem determina e se beneficia desse tipo de "política" é aquela famosa "classe dominante ranzinza, azeda, medíocre e cobiçosa, que não deixa o país ir pra frente, nas palavras de Darcy Ribeiro. Maior feito dessa elite desgraçada foi ajudar colocar no poder essa trupe de estúpidos q hj nos governa. Nada mais exemplar do q o ministro do turismo do país com a maior biodiversidade do mundo, de riqueza cultural e popular tão forte como o Brasil, propor como política da sua pasta a construção de resorts com cassinos. OK, vcs venceram....

Responder



Jorge diz:

10 de junho de 2020 em 16:38

"As sucessivas crises econômicas demonstraram a incapacidade do modelo liberal em resolver a instabilidade do capitalismo globalizado inerente ao atual século".
Totalmente falso isso. O problema maior das crises são justamente as intervenções estatais ou o excesso de estado gastando o dinheiro que não existe ou não é dele, criando instabilidade econômica. Isso vindo de um economista é o atestado de que se escreve pensando na ideologia e não na verdade.

Responder

Quem somos

((o))eco é um veículo de jornalismo sem fins lucrativos fundado em 2004 que se dedica a documentar os desafios, retrocessos e avanços dos temas relacionados à conservação da natureza, biodiversidade e política ambiental no Brasil. Queremos dar voz a bichos e plantas, através daqueles que se interessam em protegê-los.

[Saiba mais](#)

ENTRAR

